

FÓRUNS EDUCACIONAIS EM EaD: CONSIDERAÇÕES SOBRE O DESVIO DO TÓPICO DISCURSIVO

Elaine Cristina Forte-Ferreira*
Kennedy Cabral Nobre**
Vicente de Lima-Neto***

Resumo: Este artigo objetiva demonstrar como se desenvolve o tópico discursivo em fóruns da EaD e como há o desvio de tópico, fenômeno bastante corriqueiro neste gênero. Para atingir o propósito do trabalho, embasamo-nos teoricamente no conceito de tópico discursivo, de Brown e Yule (1983), de Jubran et al (1992) e Pinheiro (2006). Além disso, contamos com Koch (2004), que nos apoia nas digressões de tópico, neste trabalho chamado de *desvio*. Para isto, coletamos 8 postagens de dois fóruns educacionais do curso de Letras da UFC – modalidade semipresencial –, com exemplificações que mostram empiricamente o desvio de tópico. Os resultados apontam para pelo menos quatro tipos de desvio: foco em um subtópico do tópico central; instituição de um novo tópico, comentários metatextuais e utilização do gênero fórum para outras finalidades.

Palavras-chave: Educação a distância. Fóruns educacionais. Desvio de tópico discursivo.

Abstract: This article will demonstrate how the discursive topic is developed in forums of distance education and how there is a shift in its topic, a fairly common phenomenon in this genre. To achieve this purpose, we are based on Brown and Yule (1983), Jubran et al (1992) and Pinheiro's (2006) concept of discursive topic. In addition, we are also based on Koch (2004), whose approach is about the topic detour. For this, we collected eight posts of two educational forums on UFC course of Languages, with examples that show empirically the existence of the topic detour. The results indicate at least four types of detour: focus on a subtopic of the central topic, introduction of a new topic, metatextual posts and use of gender forum for other purposes.

Keywords: Distance education. Educational forums. Discursive topic detour.

Considerações iniciais

A atuação docente como tutores em EaD, além de proporcionar um crescimento profissional e desmistificar o preconceito que ainda possa existir nesta modalidade de ensino, permite vislumbrar diversos olhares que, atrelados à ciência, constituem-se em um rico material para análise. Nos ambientes virtuais de aprendizagem (doravante AVA), muitos são os gêneros utilizados para a construção do conhecimento, dentre eles o fórum educacional, que será o *locus* em que construiremos o *corpus* para esta análise.

* Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: elainecforte@gmail.com

** Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: cabralnobre@yahoo.com.br

*** CCHL, Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Picos, Piauí, Brasil. E-mail: netosenna@gmail.com

Percebemos no gênero em estudo que algumas vezes os alunos não voltam a atenção da discussão para o assunto central, desviando o tópico sobre o qual se fala, assim como ocorre nas discussões face a face do ensino tradicional. Tal desvio pode estar relacionado tanto a assuntos adjacentes ao qual se está tratando, até assuntos mais gerais.

Desta maneira, consideramos relevante observar, numa discussão, um segmento discursivo que sirva como um eixo temático no qual os interlocutores se fixem em determinado evento comunicativo. Este ponto que delineamos no momento é o que conhecemos por tópico discursivo.

Sobre o conceito de tópico discursivo

O tópico define-se na interação focalizada para efetuar o intercâmbio verbal. Embora seja destacada a relevância do tópico discursivo na constituição do texto falado, ele é uma noção teórica que corrobora para o entendimento de muitos fenômenos textual-discursivos e pode ser compreendido de acordo com os contextos teóricos nos quais é utilizado. Assim, nessa perspectiva, considera tanto os aspectos cotextuais quanto os contextuais (MARCUSCHI, 2006).

Por ter como unidade o discurso e seu desenvolvimento ocorrer nos processos enunciativos, ele também trata da continuidade e descontinuidade na linha discursiva em proporções integradas, como na mudança, na progressão de um tópico para outro, nos desvios, nas interrupções numa conversação. Importante destacar que essa categoria abstrata colabora até para compreender como acontece a construção global do texto, o que, por sua vez, poderá refletir na compreensão textual.

Brown & Yule (1983) definem tópico discursivo por aquilo sobre o que os sujeitos envolvidos na interação falam num discurso. Além dessa perspectiva, Fávero; Andrade; Aquino (2000) postulam que tópico significa falar acerca de algo e o consideram um elemento estruturador da conversação. Nele os interlocutores interagem, mantendo, mudando ou retomando o mesmo assunto de que se fala. Para Koch (2004), tópico também é aquilo sobre o que se fala. A autora assegura que a noção de tópico é escalar, abrange diversos aspectos, é mais abstrata e revela-se num contínuo.

Pinheiro (2006) considera que o tópico discursivo sintetiza um fragmento de discurso coerente. Mesmo que não seja explicitamente mencionado pelo falante ou escritor, o tópico se relaciona aos assuntos abordados no texto. O autor destaca, ainda, a posição de Fávero; Andrade; Aquino (1999) ao afirmar que tópico é um conceito consensual, que a introdução, a mudança, a retomada, a digressão e a ruptura do tópico dependem dos interlocutores que entrarão em um acordo de ideias para discorrer sobre um assunto.

Os interlocutores, de forma integrada, necessitam centrar-se no interesse envolvido na interação, o que proporcionará o desenrolar do conteúdo em evidência, seja ele escrito ou falado. Para Pinheiro (2006), dessa forma, o tópico é considerado uma categoria analítica, de base textual-discursiva, por se relacionar ao plano integral de organização textual e é, também, uma categoria interacional, pois compreende um efeito, uma consequência de uma colaboração/interação discursiva. Com isso, é possível assegurar que o tópico é mantido numa interação comunicativa através da construção colaborativa entre os falantes.

Assim, o tópico é interacional por englobar diversos fatores, por exemplo, os conhecimentos e interesses partilhados entre sujeitos envolvidos na interação, como e onde ocorre a situação comunicativa, as circunstâncias nas quais ocorre o evento de comunicação, o conhecimento de mundo – se os assuntos que emergem na interação devem ser interrompidos, ou não, enfim, todos esses aspectos contribuem para a “produção” do tópico e evidenciam como ele pode ser considerado uma categoria interacional, pois depende de todo o contexto para ser construído.

Com isso, salienta Pinheiro (2006) que todos os fatores/aspectos envolvidos na construção do tópico o caracterizam como uma categoria interacional. O fato de o tópico não se encontrar especificamente materializado no texto, mas de ser uma categoria abstrata subjacente à manifestação textual, desperta a crítica de que a noção de tópico é intuitiva e, por isso, ele traz certas complicações para ser operacionalizado. Mesmo que a comunicação verbal ocorra em torno de um assunto, como acontece, isso não implica em uma facilidade para identificá-lo. Portanto, é preciso ressaltar a importância das propriedades do tópico discursivo ao propiciarem sua identificação e percepção.

Jubran (1993) define o tópico discursivo por dois traços básicos: a centração e a organicidade. A primeira é considerada a interrelação entre as unidades que irão convergir para o mesmo ponto temático, ou seja, a capacidade de voltar a atenção para um assunto central. A segunda, por sua vez, é a propriedade por meio da qual o tópico se mostra através de subtópicos, que têm entre si uma relação de interdependência em dois planos: no plano horizontal, constitui a relação existente entre os tópicos na linha do discurso e, no plano vertical, as relações entre um tópico e seus subtópicos no que diz respeito à saliência do assunto.

Jubran et al (1992) consideram que a observação da organização tópica na conversação se manifesta por relações de interdependência tópica que se estabelecem no plano horizontal, sequencial/linear, conforme as articulações intertópicas em termos de adjacências de tópicos na linha discursiva; e, no plano hierárquico ou vertical, ocorre um desdobramento entre as sequências textuais em supertópicos (ST) e subtópicos (SbT), formando os quadros tópicos que se caracterizam pela centração em um tópico mais amplo, pela separação interna em tópicos co-constituintes e, possivelmente, por consecutivas subdivisões no interior de cada tópico co-constituente. Desse modo, um tópico pode ser ao mesmo tempo supertópico ou subtópico, de acordo com a mediação de dependência.

Os quadros tópicos são originários da organização tópica das relações de interdependência entre os níveis hierárquicos. Para Jubran et al (1992) o quadro tópico (QT), assim como o tópico, também é uma noção abstrata e relacional. Devido a uma possibilidade de subordinações contínuas de tópicos, percebe-se a formação de QTs em pontos variados da hierarquização tópica. Com isso, o estatuto de ST ou SbT é relacional e vai depender do nível considerado. Ser denominado supertópico ou subtópico não vai definir um nível hierárquico, já que um mesmo tópico pode ser considerado ao mesmo tempo SbT em relação a um superordenado e ST em relação aos que são subordinados a ele. Isso acontecerá quando mediar uma relação de interdependência entre dois níveis hierárquicos não imediatos (JUBRAN et al., 1992).

Um texto é constituído por segmentos tópicos que se relacionam de forma direta ou indireta ao tema geral, ou seja, ao tópico discursivo. A topicalidade como princípio de

organização textual, produzido pelos integrantes da interação comunicativa, nos despertou para uma análise sobre os desvios que podem ser encontrados em fóruns educacionais, que, mesmo sendo um gênero escrito, possui traços de texto oral. É importante ressaltar que, embora a coerência possa ser preservada mesmo quando os sujeitos inseridos na interação falam topicamente sem se prenderem ao mesmo assunto, a construção do sentido de um texto acontece na situação comunicativa, ou seja, no conjunto desta situação, no todo que formará o sentido do texto.

Métodos de análise

Para o alcance de nossos objetivos, o trabalho foi organizado pela técnica da observação participante, com traços da pesquisa etnográfica, já que, como tutores de disciplinas ministradas semi-presencialmente, participamos efetivamente da interação nos fóruns, dos quais recortamos 8 turnos comunicativos para demonstrar como ocorre o desvio de tópico discursivo nesse gênero.

Desenvolvemos nossa pesquisa no ambiente virtual de aprendizagem *Solar*, plataforma utilizada pela Universidade Federal do Ceará para o gerenciamento dos cursos de graduação semi-presenciais. Selecionamos, para este artigo, um fórum pertencente à disciplina de Linguística Textual, ministrada entre janeiro e fevereiro de 2010; e um de Introdução à Linguística, ministrado entre março e abril de 2010. Ambas as disciplinas fazem parte do currículo do curso de Letras-Português, da UFC.

Com esses dados em mãos, destacamos a proposta do tópico durante a realização da pesquisa, procurando esclarecer os enunciadores sobre exatamente o que deveria ser discutido e incitando-os a participar com postagens sobre a temática. O primeiro fórum, da disciplina de Linguística de Texto, ficou aberto de 22 de janeiro a 1º de fevereiro de 2010 e gerou 51 postagens, das quais recolhemos duas que demonstram empiricamente o nosso objeto de estudo. O segundo, da disciplina de Introdução à Linguística, ficou aberto do período de 15 a 22 de março de 2010, que gerou 125 postagens, das quais recolhemos seis para esta análise. A identidade, tanto dos tutores quanto dos alunos, foi preservada por meio da utilização de suas iniciais e da substituição da foto por uma imagem padronizada. Como este artigo não apresenta traços de pesquisa quantitativa, as postagens não analisadas foram arquivadas para uma pesquisa posterior, já que, por questões de espaço, não temos como analisar minuciosamente todas. Findadas tais explicações, partamos para o que os dados empiricamente nos revelam.

Dos desvios de tópico

A análise é construída com intervenções de alunos no fórum – ou listas de discussão, como preferiu chamar Marcuschi (2005) –, que são gêneros “muito praticados na comunidade acadêmica, e também fora dela [...]” (p. 58). Alheio ao ambiente acadêmico, o gênero é bastante popular em sites de relacionamento e em grandes portais da Internet, pois é o principal elemento de interação entre os participantes de uma dita comunidade discursiva (SWALES, 1990). Estes são uma variação diferente do fórum educacional, que é utilizado nos AVA e funciona como fundamental gênero na construção do conhecimento dos alunos de

curso a distância. É lá onde ocorrem as principais discussões dos alunos sobre um determinado tema.

Na prática, o fórum é o espaço que se correlaciona às salas de aula presenciais, onde podem acontecer acaloradas discussões e propiciar a ocorrência de digressões. Como veremos mais à frente, dentre as características do gênero fórum educacional, uma das principais diferenças é que, no AVA, este traço ganha contornos assíncronos, ou seja, há tempo hábil ao aluno para planejamento de sua participação interativa, enquanto na sala de aula presencial o processamento ocorre em tempo real. A partir disso, é possível constatar que digressões em discussões cujo processamento se dê online são justificáveis, ao passo que o desvio do assunto em AVA deveria ser mínimo, já que há um tempo considerável para preparação, formulação e reformulação das participações.

Embora os fóruns analisados por Xavier e Santos (2003) não sejam educacionais, a principal característica proposta pelos autores no que concerne ao gênero em tela serve para qualquer uma de suas variações: obedecer ao princípio da relevância para as interações, proposto por Grice (1982). Este princípio diz respeito a só escrever/falar aquilo que for pertinente ao assunto em pauta, não fugindo do tema.

Este traço é importante, pois, em nossa análise, verificamos que, mesmo em AVA, há a possibilidade de a fuga do tópico acontecer por diferentes maneiras, ora pela ênfase em subtópicos, direcionando argumentativamente o foco para outro ponto que não o tópico discursivo – o que, muitas vezes, pode contribuir com pouca eficácia para a discussão solicitada –; ora pela instituição de um novo tópico, conforme podemos verificar nos exemplos selecionados. Além disso, observam-se casos em que há interações vazias de informação, eminentemente pautadas em comentários metatextuais de postagens anteriores, assim como há participações sem nenhum vínculo com a atividade proposta, podendo descaracterizar não só esta tarefa, mas até mesmo o propósito comunicativo do gênero. Abaixo estão resumidos os quatro tipos de desvios.

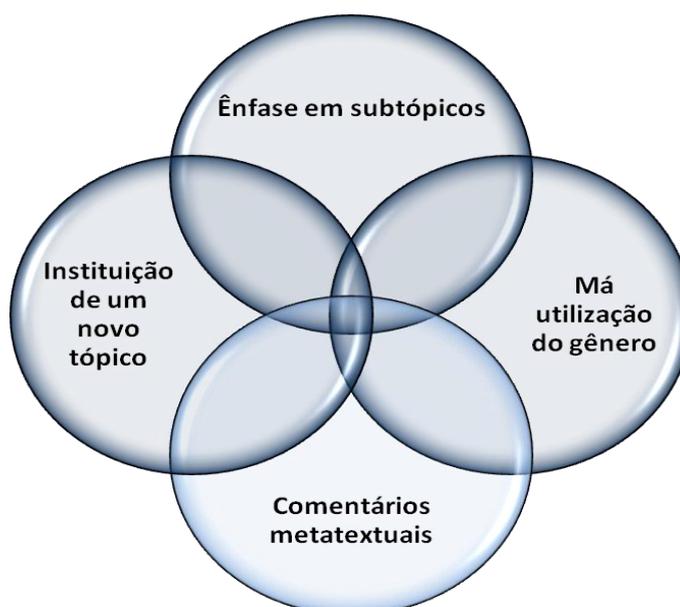


Figura 1: Os tipos de desvios de tópico em fóruns educacionais

Observamos que há, entre eles, uma gradação de inadequação no gênero fórum educacional. O primeiro, “ênfase em subtópicos”, ainda preserva resquícios do assunto que deveria estar sendo discutido, uma vez que se trata de uma ramificação do tópico formalmente instaurado. O segundo, “instituição de um novo tópico”, diz respeito a algo fora do assunto a ser discutido, mas ainda relacionado ao conteúdo da disciplina e geralmente tem por função o esclarecimento de dúvidas. O terceiro, os “comentários metatextuais”, se referem a participações vazias de conteúdo, ou seja, com um nível de informatividade muito baixo e praticamente utilizado como estratégia para garantir a participação do aluno no fórum. Este tipo de desvio é bastante comum e é uma ramificação passível de ocorrer a qualquer momento da interação, uma vez que o aluno se vale de conteúdos anteriormente expressos para elaborar sua participação. Por esta razão, no gráfico por nós elaborado, este tipo de desvio aparece numa cor diferenciada, uma vez que os usos de comentários metatextuais podem aparecer em qualquer um dos tipos de desvio ou desviando o próprio tópico discursivo.

Por último, a “má utilização do gênero” refere-se ao uso da ferramenta com finalidades não necessariamente pedagógicas, como dar avisos, fazer convites etc. Tal distinção é meramente didática, uma vez que os tipos de desvio de tópico podem amalgamar-se num único turno.

A seguir analisaremos como o tópico discursivo estabelecido na proposta do fórum acabou sendo desviado no decurso da discussão, bem como iremos inferir sobre as motivações para as rupturas e/ou digressões da temática original. O exemplo (1) é constituído por quatro interações do primeiro fórum da disciplina Introdução à Linguística, que teve como proposta explicar a afirmação: “A função do linguista é estudar qualquer expressão linguística como um fenômeno digno de ser descrito e explicado”. Vejamos:

(1)

W. M.	22/03/2010	
	A função do lingüista é estudar as formas de linguagem independente de localidade, cultura, idade, etc.desde que elas passem uma mensagem e que sirvam de meio de comunicação, não importando o tipo.	
M. B.	22/03/2010	
	Olá W., refletindo sobre sua mensagem pesquisei essa frase de Bordenave quando se refere à comunicação: A comunicação confunde-se com a própria vida. Temos tanta consciência de que comunicamos como de que respiramos ou andamos. Somente percebemos a sua essencial importância quando, por acidente ou uma doença, perdemos a capacidade de nos comunicar. (Bordenave, 1986. p.17-9) Abraço!	

A primeira intervenção, do aluno W. M., mantém a continuidade do tópico estabelecido na proposta para a discussão, qual seja, a função do linguista. Enquanto na proposta o papel do linguista está diretamente relacionado ao estudo de qualquer expressão linguística, o aluno amplia essa visão trazendo noções pertinentes a contextos sociais, culturais, históricos, entre outros: “estudar as formas de linguagem independente de

localidade, cultura, idade, etc.”. Em suma, na participação em foco, observa-se que o aluno manteve o tópico original, tornando sua participação coerente com a atividade exigida.

Conforme constituição arbórea automaticamente realizada pela ferramenta, observa-se que o turno do aluno é comentado a seguir pela aluna M. B., a qual, por sua vez, desenvolve um subtópico (comunicação) à revelia da exigência do fórum em discorrer sobre o tópico central (função do linguista). Em outras palavras, W. M. aborda a função do linguista como estudo dos meios de comunicação, ao passo que sua colega direciona sua participação tomando como tópico a *comunicação*, conceituando este processo interacional. Esse fenômeno, como responsável pela digressão do tópico discursivo, é bastante comum numa interação conversacional e não chega a tornar incoerente a participação da aluna, pois, na realidade, ela focaliza um subtópico construído no turno de W. M. Todavia, alguns fatores relacionados ao gênero não foram considerados pela aluna, pois uma participação escrita deveria demandar maior planejamento e assim evitar o desvio de tópico – principalmente se é sabido que a participação está sendo avaliada.

Além disso, nota-se que a aluna se utiliza do recurso da citação durante a constituição de sua intervenção, ou seja, reporta-se a uma autoridade e exime-se de responsabilidade sobre o que é dito. Tal postura nos permite inferir que, muito provavelmente, o intuito da aluna foi somente garantir sua participação sem atentar-se com maior rigor ao que estava sendo cobrado – fator que explica sua falta de planejamento ao desviar-se do tópico.

Há participações, contudo, que não chegam a se realizar a partir do possível desenvolvimento de um subtópico em relação ao tópico central, como em (1), e sim criando um novo tópico que não tem relação alguma com o assunto solicitado no exercício, embora ainda mantenha relação com o conteúdo geral da aula. Vejamos:

(2)

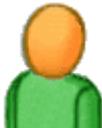
A. B.	22/03/2010
	Percebi na leitura sobre signos, que é um produto de uma convenção, isto é, um acordo estabelecido historicamente pelos membros que compõem um grupo ou uma sociedade. É interessante como tudo isso faz parte do nosso cotidiano como seres vivos querendo buscar informações cada vez mais significante.

O comentário acima, ainda no mesmo fórum, foi postado de forma independente, isto é, sem comentar nenhuma participação. Nesse caso, ao contrário do anterior, percebe-se a quebra total do tópico, sem apoio nenhum a outras postagens. Obviamente a aluna ancora seu turno em algum tema da aula em geral, mas distancia-se completamente do tema original, pois em nenhum momento é abordada a função do linguista – pelo contrário, a aluna parafraseia e confere marcas subjetivas a informações teóricas sobre o signo linguístico. Escapam-nos os reais motivos pelos quais ocorreu esse brusco desvio, seja pela não compreensão da proposta, seja pela falta de leitura a respeito do assunto, seja pela mera necessidade de participação. É provável que, em decorrência do grande desvio de tópico, nenhum outro aluno, percebendo a incoerência com o que fora solicitado, comentou sua participação.

A retomada do tópico central, na grande maioria das vezes, é realizada pelo tutor, que tem por função fazer a mediação de toda a discussão. É interessante notar, todavia, que alguns

alunos também percebem quando ocorre um desvio brusco de tópico e procuram retomar a discussão original.

(3)

A. F.	22/03/2010	
	Pesquisando num livro escrito por Roberto de Melo Mesquita achei uma síntese do uso da linguística. Segundo ele, ela procura investigar, observar como as diversas línguas se organizam e funcionam, estabelecendo relações entre essas línguas e as comunidades em que são produzidas e utilizadas sem prescrever regras.	
L. A.	22/03/2010	
	A., temos como um exemplo o Brasil, que possui uma única língua oficial, porém falada com diversos sotaques, de diversas maneiras. Existe uma grande diferença entre o modo de falar do nordeste com o sul, que por muitas não entendemos algumas palavras que os mesmos falam e assim vice-versa.	

A participação de A. F. é uma tentativa de retorno ao tópico original, com distinção que a aluna fala em *função da linguística* em vez de *função do linguista*. Apesar da nuance, a aluna chega a abordar e a responder satisfatoriamente ao que foi pedido na atividade, pois enumera algumas das possibilidades de atuação do linguista: investigação e observação da organicidade de diversas línguas; estabelecimento de relações entre língua e comunidade; não prescrição de regras. Observa-se, ainda, o recurso à autoridade para embasar a fala da aluna, comum ao discurso acadêmico.

O turno de A. F., entretanto, é comentado por L. A. de modo a aproveitar-se algum subtópico, ocorrendo, novamente, uma digressão. A. F. afirma que é função da Linguística estabelecer relações entre língua e comunidade, donde L. A. exemplifica esse aspecto, todavia sem focalizar a função do/a linguista/linguística, o tópico central, discorrendo sobre o assunto da variação linguística.

Uma outra forma de desvio que foi percebida no *corpus* pode ser caracterizada como a instituição de um novo tópico, que, por sua vez, acabou guiando as posteriores participações.

(4)

G. S.	20/03/2010	
	Gostaria de explicações sobre Linearidade e Arbitrariedade dos signos linguísticos dos demais alunos e da Tutora.	
E. C.	20/03/2010	



G.S., pelo que entendi arbitrariedade é quando não há relação da palavra à imagem acústica, isto é, a cadeira só recebeu o nome de cadeira porque alguém chegou e disse que se chamaria cadeira. Já a linearidade tem algo a ver pois quando você ouve o som você associa a imagem acústica.

F. 20/03/2010



concordo com você quando diz sobre arbitrariedade, mas entendo linearidade por uma sequência, de letras, palavras ou frases que só tem sentido se a seguir-mos, então não existe linearidade. exemplo: a palavra CASA só tem sentido como lugar onde vivemos, se primeiro vier o C, depois o A e sucessivamente, S e A.

A. F. 22/03/2010



É E.C., seu esclarecimento está muito bem colocado e se observarmos bem a maioria das coisas que nos habituamos a chamar e que temos a ideia do que aquilo é, é uma questão de arbitrariedade.

N. B. 21/03/2010



G.S., desde que você era pequeno, conhece o açude aí de Pentecoste. mas o vocábulo "açude" não tem nenhuma relação com o açude que você vê aí. Poderia se chamar paredão, mar, etc. Isso já estava convencionalizado e instituído mesmo antes de você nascer, talvez. Por não haver relação entre a palavra e o objeto, dizemos que existe uma arbitrariedade. Quando chover aí, escute bem o barulho da chuva: chuá! chuá! chuá! A palavra "chuá" não tem uma relação com o barulho da chuva que você escuta? Então há uma linearidade. Esse é o meu entendimento. Se estou errada, então faço das suas palavras as minhas e também peço orientações.

F. 21/03/2010



N., creio que seu exemplo do barulho da chuva é mais um exemplo de não arbitrariedade, e pelo que entendi, não arbitrariedade não quer dizer necessariamente linearidade. linearidade no meu entendimento é como já postei a sequência das letras, fonemas, palavras e frases, para ter um sentido.

E. F.
Tutor 21/03/2010



Verdade, F.

N., O exemplo que você utilizou faz lembrar o contraditor à arbitrariedade. Saussure afirma que este contraditor poderia se apoiar nas onomatopéias, com suas sonoridades sugestivas. Com elas, pode-se dizer que a escolha do significante nem sempre é arbitrária.

Por exemplo: FOM FOM para as buzinas de veículos automóveis. Observe como a sonoridade é sugestiva e faz lembrar o som de buzinas.

Outro bom exemplo seria o TRRRÍÍÍ de um despertador. Ficou mais claro?

E. F.
Tutor

21/03/2010



G.,

Lembra os exemplos que eu utilizei em sala?

Vamos aos exemplos. Para Saussure o significante é imotivado, ou seja, é arbitrário em relação ao significado, pois não tem uma conexão, relação na realidade. Então, tentarei exemplificar. A ideia de praia não encontra-se diretamente ligada por relação alguma à sequência de sons p-r-a-i-a. Sendo assim, pode ser bem representada por outra sequência, seja ela qual for. E para deixar isso tudo ainda mais claro, para comprovar, basta lembrar da diferença entre línguas (Em inglês, por exemplo, o lexema praia é beach) e até mesmo a própria existência de diferentes línguas.

Ao falar em linearidade Saussure considera que os significantes utilizam-se da linha do tempo e é nela que os elementos apresentam-se uns após os outros, ou seja, um vem após o outro.

Compreendeu agora?

N. B.

22/03/2010



Agora ficou claro, professora. Estava confundindo "não arbitrariedade" com linearidade. A sua intervenção e o exemplo do Francis facilitaram minha aprendizagem. Obrigada.

N. M.

22/03/2010



Obrigada professora, como sempre muito clara e eficiente em suas explicações!!

K. H.

22/03/2010



Professora E., os melhores exemplos realmente são palavras bem conhecidas no cotidiano como PRAIA, que até já mostrei ao meu filho e que ele concordou com o estudo da palavra, ai ele perguntou: Mamãe e cadeira como explica?. Isso nos reforça a curiosidade em conhecer palavras, até então comuns com mais clareza e sentido. Sua forma de explicar faz com que percebamos melhor essas mudanças. Parabéns por esse fórum que considero excelente!

K. H.

22/03/2010



Eu também G.S., estava com a mesma dúvida comentei com colegas de turma através de mensagens. Mas a explicação da Professora E. ficou bastante clara a diferença entre linearidade e arbitrariedade dos signos linguísticos. Essa nova forma de pensar e conhecer a linguística está me trazendo uma nova linguagem porem ainda um pouco complexa.

Esta postagem foi coletada no mesmo fórum dos exemplos anteriores, cujo título era *“Explicar a afirmação: ‘A função do linguista é estudar qualquer expressão linguística como um fenômeno digno de ser descrito e explicado’”*. Esperava-se do aluno uma discussão que girasse em torno dos propósitos dos estudos linguísticos, que trazem uma abordagem descritiva em detrimento de uma prescritiva, como ocorre na gramática tradicional.

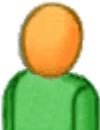
Na ocasião, o aluno propôs explicações sobre conceitos estudados em outros tópicos de uma aula sobre o Estruturalismo, disposta no AVA, fugindo completamente do tópico discursivo. Não se pode dizer que o aluno não era proficiente no gênero, já que ele tinha outras experiências com AVAs. Além disso, o enunciador foi o aluno que obteve melhores resultados na disciplina, dado importante para argumentarmos que o desvio de tópico não ocorreu por inexperiência ou incompreensão por parte do aluno.

Ele procurou instituir um novo tópico, que não ficou claro para ele em outros momentos, e, vendo-se diante da oportunidade de discutir um tema de interesse comum, optou por lançar uma postagem cujo assunto feria os princípios de organicidade e centração do tópico, que são necessários ao bom desenvolvimento e coerência de um fórum educacional. Cabe ainda ressaltar, dado o caráter injuntivo de seu turno, que essa postagem recebeu 12 comentários, efetivando com a participação de outros colegas e do tutor o desvio do tópico original.

Concluimos, então, que a ideia era exatamente instaurar um novo tópico, que pode ser de interesse somente do aluno. Neste caso, é conveniente a intervenção do tutor, sugerindo que o tópico original seja retomado, pois há outros gêneros, como e-mail, mensagens, chat, que servem para tirar dúvidas.

Essa grande ramificação pode ser justificada por uma dúvida comum na sala de aula, como no caso específico; entretanto, não podemos deixar de considerar que parte das postagens pode ter sido motivada pela obrigatoriedade de participação no fórum, que é um dos critérios de avaliação e de frequência do aluno. Podemos justificar este ponto de vista diante das recorrentes paráfrases nos turnos dos participantes, de modo que é possível que alguns alunos desviem o tópico discursivo não com o intuito de tirar dúvidas, mas como estratégia de garantir a sua participação. Vejamos a participação de A.F.:

(4.1)

A. F.	22/03/2010
	É E.C., seu esclarecimento esta muito bem colocado e se observarmos bem a maioria das coisas que nos habituamos a chamar e que temos a ideia do que aquilo é, é uma questão de arbitrariedade.

(4.2)

N. B.	22/03/2010
	Agora ficou claro, professora. Estava confundindo "não arbitrariedade" com linearidade. A sua intervenção e o exemplo do F. facilitaram minha aprendizagem. Obrigada.
N. M.	22/03/2010
	Obrigada professora ,como sempre muito clara e eficiente em suas explicações!!

Em 4.1, como é possível perceber, a única postagem do aluno A.F. não chega a acrescentar informações, ou seja, não propicia a progressão temática, o que deveria acontecer neste gênero, caracterizando seu turno como essencialmente circular em relação a toda a discussão estabelecida.

Embora em 4.1 o aluno não traga informações pertinentes à progressão temática, o seu conteúdo ainda diz respeito ao novo tópico estabelecido por G.S., ao contrário das participações de N.B e N.M, que apresentam baixa informatividade em relação ao assunto desenvolvido. Pode-se inferir que tais postagens foram motivadas a critério de frequência e avaliação, ou seja, os alunos esperam que tais postagens sejam consideradas como positivas para o seu desempenho.[†] Essas participações vazias também caracterizam um desvio de tópico central, embora isso aconteça de maneira mais velada, uma vez que estão ancoradas em elementos anteriores. Geralmente são elaboradas por expressões formulaicas de caráter

[†] Em geral, as disciplinas ministradas no curso de Letras da UAB-UFC exigem um número mínimo de participações no fórum como critério de avaliação e de frequência.

elogioso, do tipo “Excelente participação!”, “Muito bem!”, “Ótimo comentário!”, “É isso mesmo!” etc.

Ainda acerca do gênero fórum, observa-se também, não apenas o desvio do tópico instituído, mas a utilização da ferramenta de postagem com intuítos variados e discrepantes com o propósito do fórum educacional. Uma das formas de avaliarmos as coerções do gênero é com o exemplo a seguir:

(5)

F. N.	25/01/2010
	Professor, desculpe-me usar o ambiente, mas é que a aula presencial de Literatura Brasileira III foi iniciada hoje(presencial). Haverá amanhã também. NÃO FALTEM. Colega F.
H. Tutor	26/01/2010
	Mensagens dessa natureza podem ser enviadas pelo correio, favor nao utilizar mais este ambiente para tal, fere as características do gênero fórum.

O enunciador, aluno da disciplina de Linguística de Texto, aproveita-se do espaço disponível para a discussão do tema “*Recategorização e orientação argumentativa*” dando um aviso para a turma, que, ao que tudo indica, é a mesma que está cursando a disciplina de Literatura Brasileira III. Na ocasião, o aluno demonstra conhecimentos acerca do gênero fórum, tanto é que se desculpa ao professor pela utilização inadequada do gênero, antes de dar o aviso. Há, neste caso, coerções do gênero fórum educacional, que não permite a ruptura do princípio da relevância. Como há uma quebra deste princípio, há a necessidade de intervenção do tutor, que argumenta exatamente em favor das coerções a que nos referimos. Outros mecanismos de interação estão dispostos no ambiente virtual de aprendizagem que atendem aos propósitos do enunciador. Em suma, neste caso, o desvio do tópico se caracteriza por coerções do gênero fórum, não necessariamente do desconhecimento das características do gênero por parte do enunciador.

Considerações Finais

Em síntese, ficou claro que a digressão do tópico central por meio do desenvolvimento de subtópicos é bastante comum e que é utilizada pelos alunos, muito provavelmente, como estratégia para garantir sua participação nos fóruns educacionais. Foi demonstrado que, de um lado, a utilização de estratégias pode ocasionar o desvio demasiado do tópico original, tornando a participação do aluno incoerente com o que fora solicitado; e, por outro, os desvios

e digressões são também percebidos pelo tutor e por alguns alunos que procuram guiar a discussão ao assunto exigido na atividade.

Nem esses alunos nem o tutor têm controle sobre as participações irregulares que acabam por macular localizadamente a coerência de toda uma discussão. Todavia, ficaram perceptíveis determinados problemas, como a instituição de novos tópicos, a participação baseada meramente em comentários metatextuais e a utilização inadequada do gênero.

Referências

- BROWN, G.; YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O; AQUINO, Z. G. O. A correção do texto falado: tipos, funções e marcas. In: NEVES, M. H. de M. (Org.). *Gramática do português falado*. v. VII. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USO, Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1999.
- _____. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: DASCAL, M. (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. v. IV. Campinas: Unicamp, 1982, p. 51-103.
- JUBRAN, C. C. A. S. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. v. 2. Campinas: Unicamp/Fapesp, 1992.
- JUBRAN, C. C. A. S. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, A. T. (Org.). *Gramática do português falado*. v. 3. Níveis de análise linguística. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, 1993.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros digitais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Org.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentidos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.
- _____. Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, 48 (1): p. 7-22, 2006.
- PINHEIRO, C. L. O tópico discursivo como categoria analítica textual-interativa. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, 48 (1): p. 43-51, 2006.

SWALES, J. M. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

XAVIER, A. C. e SANTOS, C. F. E-forum na Internet: um gênero digital. In: Araújo, J.C. e BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 30-38.